

ZÉ PEQUENO E SUAS MARAVILHAS



Era uma vez o Zé pequeno, menino inteligente, grande e forte.

Um dia, como costumava fazer sempre, Zé pequeno foi até a margem do riacho. Gostava de ver as águas rolando nas pedras, admirar as flores e os pássaros, o sol espiando por entre as árvores... Sentia-se muito feliz com tudo isso. Pois bem, foi nessa manhã que, seguindo seu caminho, viu uma bengala deslizando nas águas do riacho.

Zé logo a reconheceu, era do tio Antão, um velhinho muito conhecido e querido de todos os moradores daquele lugar.

Zé pequeno não teve dúvidas: entrou no riacho – a água batia-lhe nos joelhos – correu atrás da bengala e conseguiu apanhá-la.

Tio Antão, muito agradecido, falou:

- Você é um bom menino, Zé. Por isso merece que eu lhe conte um segredo.
- Que bom! Conte, conte logo! – exclamava Zé.

E o velhinho contou, meio misterioso:

- Vivem em você duas maravilhas...

Zé ficou espantado!

- Em mim? Mas como eu nunca percebi?
- Pois é – continuou tio Antão – você pode nunca ter percebido as duas maravilhas... Mas estiveram sempre em você... Elas nasceram com você.
- E como é que elas são? – perguntou Zé pequeno, curioso.

E o velhinho explicou:

- São delicadas... Muito delicadas... Tanto quanto esta linda borboleta que esta voando.

A atenção do Zé prendeu-se logo na borboleta que pairava no ar e observou seu gracioso vôo até ela sumir.

- É mesmo muito delicada. Mas o senhor não me disse onde estão essas duas maravilhas que nasceram comigo.

Tio Antão sorriu e falou:

- Estão no seu rosto, filho. Você ainda não percebeu?

Zé percebeu logo.

- Meus olhos! Minhas duas maravilhas!

Tio Antão tornou a falar:

- Sim, seus olhos... Duas maravilhas que Deus lhe deu. Graças a eles, você pode admirar as borboletas que por aqui passou. Com eles, você pode ver o lindo azul do céu... As águas claras do riacho... O colorido das flores... As árvores, os pássaros...
- E a sua bengala, hein tio Antão? Se não fossem eles, o senhor ficaria sem a bengala.

O velhinho deu uma gostosa risada. Depois, despediu-se e foi embora, recomendando:

- Proteja seus olhos, filho! Cuide bem dessas duas maravilhas.

Zé pequeno ficou por ali, durante algum tempo, brincando nas águas do riacho e olhando as coisas lindas que o rodeavam.

De repente, um estouro – bum!

Zé correu para ver o que estava acontecendo. Não demorou muito e avistou alguns de seus amigos atirando bombinhas.

- Venha! – gritou Paulo, o dono das bombinhas.

Zé pequeno chegou mais perto, mas ficou preocupado, lembrando-se das palavras de tio Antão.

- Isso é perigoso!... – disse ele. – pode explodir e matar alguém.

- Você está com medo, hein? – zombou Paulo – Deixe de ser medroso! Querem ver só?

E acendeu o pavio da bombinha. Mas nem teve tempo de soltá-la. O estouro foi acompanhado de um desesperado grito de dor.

Num instante, passou toda a alegria da gurizada. Paulo estava no chão, com o rosto ensangüentado!

Zé pequeno, que era o mais forte e inteligente, ordenou logo:

- Vamos carregá-lo! Depressa!

Mas não foi necessário. Vários senhores se aproximaram e levaram o menino para o hospital.

Não demorou muito e todos souberam. Por pouco Paulo não ficara cego, mas os ferimentos eram muito graves.

- Graças a Deus não aconteceu coisa pior! – refletiu Zé pequeno.

Depois, lembrando tio Antão, falou, pensativo:

- Meus olhos! Vou sempre cuidar dessas maravilhas que Deus me deu!

Fonte: Coleção conte mais – volume 2 – Fergs